

**ASSOCIATIVISMO, PROFISSÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS – III
SEMINÁRIO NACIONAL DE TRABALHO E GÊNERO**

**SESSÃO TEMÁTICA: GÊNERO E IDENTIDADE EM PROFISSÕES E
OCUPAÇÕES**

**O GÊNERO MASCULINO E O TRABALHO EM ENFERMAGEM: ANÁLISE
DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA**

**Francino Machado de Azevedo Filho¹, Marielle Sousa Vilela², Milton Junio
Cândido Bernardes³**

¹ Enfermeiro. Especialista em Unidade de Terapia Intensiva e Professor do Colégio Sena Aires e da Faculdade Estácio de Sá, Goiânia, Goiás.

² Enfermeira. Especializanda em Terapia Intensiva e Professora do Colégio Sena Aires, Goiânia, Goiás.

³ Enfermeiro. Especialista em Farmacologia Clínica e Professor do Colégio Sena Aires, Goiânia, Goiás. Orientador do trabalho. E-mail: Milton.bernardes@gmail.com

O GÊNERO MASCULINO E O TRABALHO EM ENFERMAGEM: ANÁLISE DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

RESUMO: **Objetivo:** Avaliar as informações referentes a produção nacional sobre o gênero masculino e o trabalho relacionado a enfermagem. **Métodos:** Realizou-se um levantamento da produção bibliográfica sobre gênero e trabalho em enfermagem, de artigos publicados na íntegra no banco de dados eletrônicos. **Resultados:** Os anos com maior número de publicações foram de 2005 a 2006. A revista que mais publicou foi a Revista Brasileira de Enfermagem. O idioma predominante foi o português. Verificou-se que existe poucas publicações relacionados ao gênero masculino e o trabalho relacionado a enfermagem, onde relata que a não proporção em relação ao gênero feminino do masculino relacionado à mão de obra da enfermagem é algo real, porém, não maléfico, alguns artigos também demonstraram a luta histórica de enfermeiras brasileiras pela institucionalização da profissão, que as práticas cuidativas são vinculadas ainda ao gênero feminino, que o gênero feminino ainda é o que predomina nas faculdades de enfermagem brasileiras e que na profissão existe mulheres que se deparam com violência doméstica e através destes artigos acaba evidenciando que o homem como gênero é algo ainda muito incomum na enfermagem. **Conclusão:** Constatou-se que questões sobre gênero feminino é muito discutido na enfermagem de uma forma geral e pouco se pesquisa sobre o trabalho em enfermagem relacionado ao gênero masculino, mostrando a grande necessidade de pesquisas acerca do respectivo assunto que é algo de suma importância para a enfermagem brasileira e mundial.

Palavra-chave: Gênero Masculino – Trabalho – Enfermagem

1. Introdução

O termo gênero foi um conceito construído socialmente buscando compreender as relações estabelecidas entre os homens e as mulheres, os papéis que cada um assume na sociedade e as relações de poder estabelecidas entre eles (CAMARA e CARLOTTO, 2007).

Segundo COELHO apud SCOTH, o Gênero desenvolve-se como categoria analítica, sobretudo a partir da década de 1980. Gênero tem como núcleo a conexão de duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder, o que na enfermagem não é diferente (2005).

Quanto ao gênero, não se podem deixar de considerar os padrões ainda vigentes na sociedade brasileira, que atribuem ao gênero masculino à razão, o controle e a liberdade, enquanto à mulher é atribuída uma postura mais passiva e conformista, desde o início da enfermagem o gênero feminino predomina perante a profissão, como o gênero masculino foi denominado de o gênero que mantém o controle e a liberdade os homens não queria assumir o papel de cuidador, além de que este papel ganhava o sentido patriarcal do ser humano sendo delegada esta função apenas as mulheres, fazendo desta forma a exclusão da profissão para o gênero masculino (CAMARA e CARLOTTO, 2007).

A utilização da abordagem de gênero para a compreensão das relações de poder entre homens e mulheres registra também sua importância, na medida em que o foco desloca-se das questões das mulheres para uma análise das relações sociais como um todo; enfoca os mecanismos de subordinação das mulheres pelos homens e também pelo modo de organização das relações sociais; alcança a legislação, o Estado, as relações de trabalho, as representações sociais, campos simbólicos, atua sobre os planos macro e micro-social (COELHO, 2005).

Em síntese, o poder que se exerce nas relações de gênero é resultante de representações sobre mulheres e homens, presentes no imaginário social a partir das diferenças biológicas existentes entre os sexos. Essas representações vão integrando um sistema simbólico e de valores carregado de estereótipos que ditam o que é apropriado para mulheres e para homens, sendo naturalizados e veiculados pelas instituições sociais (família, escola, igreja, mídia) e incorporados subjetivamente, influenciando, profundamente, a formação da identidade de gênero. Nesse processo, os homens vão sendo direcionados para o mundo público e da produção, necessitando, para esse fim, de razão, objetividade, poder e liberdade, enquanto as mulheres são direcionadas para o espaço privado e da reprodução, para os quais necessitam, sobretudo, de emoção, disciplina, afetividade e obediência a códigos morais estabelecidos social e culturalmente, sendo assim fundamentada a profissão enfermagem (COELHO, 2005).

Desde os primórdios, todos os sistemas simbólicos foram construídos pelos e para os homens. O mal, configurado no corpo da mulher, necessitava adestramento. A mulher teria que sublimar suas paixões e subordinar-se ao papel de mãe, vivenciado no

lar, como esposa dedicada e submissa ao homem. E para que a ordem não fosse subvertida criou-se o estatuto do casamento (MOREIRA, 1999).

Conforme citações de RIZOTTO, a enfermagem é quase tão antiga quanto a história da humanidade. A partir do momento em que o homem se diferenciou dos outros animais e passou a dominar a natureza em benefício próprio, na medida em que foi se hominizando e explicando os fenômenos da natureza e os fenômenos sociais, inclusive o processo de adoecer e morrer, é que emergiram as práticas cuidativas que hoje caracterizam essa atividade humana denominada enfermagem (2006).

Segundo AREIAS e GUIMARÃES, 2004, Os papéis relacionados ao trabalho e à família têm diferentes significados para homens e mulheres, dados os múltiplos papéis desempenhados por estas últimas, sendo um destes papéis a profissão do cuidado que seria uma extensão do que a mesma estaria realizando em seu lar com os cuidados prestados aos filhos e aos seus maridos, sendo uma profissão aceita para o gênero feminino. Tal feito pode ser verificado nas palavras de COELHO, uma vez desvalorizado o trabalho que as mulheres realizam no âmbito doméstico e sendo o cuidar profissional, em muitos momentos, confundido com o que se dá nesse espaço, há uma estreita relação entre o lugar social de mulheres e de enfermeiras (2005).

A sociedade humana é histórica, muda conforme o padrão de desenvolvimento da produção, dos valores e normas sociais. Assim, desde que o homem começou a produzir seus alimentos, nas sociedades agrícolas do período neolítico (entre 8.000 a 4.000 anos atrás), começaram a definir papéis para os homens e para as mulheres e diante de tais fatos deve-se verificar o que vem sendo publicado relacionado ao gênero masculino e trabalho em enfermagem, haja visto que a visão geral é que a enfermagem é uma profissão predominantemente feminina (SIMÕES e AMANCIO, 2004).

Segundo ANDRADE, Dentre os vínculos relacionados a história da enfermagem diz que, até meados do século XVIII, os religiosos detinham o poder institucional e também onde poderia ser verificada a imagem do homem neste cuidado através dos sacerdotes, porém, no momento em que o hospital é concebido um instrumento de cura e a distribuição do espaço torna-se um instrumento terapêutico, o médico passa a ser o principal responsável pela organização hospitalar e confia aos religiosos um papel determinado, mas subordinado. Em seguida, surge o profissional enfermeiro e o hospital com uma característica disciplinada, permitindo ao médico curar os doentes e controlar o cotidiano dos demais profissionais, além de determinar o tipo de comportamento esperado no espaço hospitalar, como a mulher possui este perfil a mesma foi inserida no espaço da enfermagem como um todo (2007).

Florence Nightingale foi a percussora da enfermagem moderna em todo o mundo e, desde Florence, adjetivos como: disciplina, obediência e a subserviência na enfermagem são consideradas como parte indissociável do exercício diário, tanto nas ações assistenciais como nas relações enfermagem/médico e enfermagem/administração hospitalar, mas também temos que considerar que, ao participar como voluntária na Guerra da Criméia, em 1854, quando com 38 mulheres organizou um hospital para 4.000 soldados internos, baixando a mortalidade local de 40% para 2%, recebendo prêmio do governo inglês, projetou a profissão para o mundo mostrando uma nova realidade para enfermagem como profissão (ANDRADE, 2007).

Não raramente escutamos falas que referem-se às dificuldades suscitadas no encontro do mundo público, do trabalho, com a esfera privada, das relações domésticas e familiares. Inúmeras vezes o discurso da obrigatoriedade e necessidade de "deixar do lado de fora da porta do trabalho o mundo de problemas de casa" comparece ao cenário das relações entre sujeito e produção. Não raramente este discurso faz-se presente no cotidiano das mulheres que exercem a enfermagem, como se o primado da forma profissional de enfermagem se impusesse à possibilidade de expressão da vida, mulher-enfermeira (MOREIRA, 1999).

Acrescente-se a isso que a enfermagem como opção profissional sofre restrições decorrentes do fato de ser uma profissão de mulheres, que envolve representações sociais inerentes às características da mulher ideal numa sociedade ainda dominada pelos homens, tais como: submissão, abnegação, disciplina, pureza, humildade e domesticidade. Assim, sendo, foi só deslocar a mulher, mãe e esposa cuidando da casa, dos filhos e do marido, para o espaço público, ou seja, substituí-se a casa pelo hospital. A história nos mostra que por vezes, enfermagem e medicina seguiram paralelas no desenvolvimento histórico e que a enfermagem esteve caracterizada dentro de um quadro de dependência/submissão, e que elementos de ordem social, política e institucional levaram esta profissão a uma prática submissa, distanciando o gênero masculino da mesma por um longo período (ANDRADE, 2007)

A transformação da diferença entre homens e mulheres em um campo de desigualdades, aconteceu paralelamente à instituição de valores, normas, regras enfim, discursos e práticas conectados a atributos de ordem moral, hierarquizados de acordo com critérios de poder e como já foi pronunciado a profissão que concentrava maior poder era a medicina por concentrar em quantidade inigualável o gênero masculino (MOREIRA, 1999).

É possível definir identidade de uma pessoa como algo individual, com um conjunto de caracteres próprios e exclusivos como: nome, filiação, local e data de nascimento, profissão, sexo, e principalmente se pensada através das impressões digitais, marcas que caracterizam a identidade de uma pessoa. A identidade coletiva seria o conjunto de características pelas quais algo é definitivamente reconhecível ou conhecido. A identidade profissional seria um tipo de identidade coletiva, com base em traços ou características comuns a todos que exercem determinada atividade. Fala-se também em identidade visual que poderia ser a personalidade visual de uma empresa, resultante de efeito interativo das características comuns de suas imagens visuais, como o conjunto de elementos gráfico-visuais padronizados como a cor, o logotipo, uniforme, embalagem, tipo de letra e outros fatores que constituem marcas para torná-las conhecidas na sociedade. Essas marcas são geralmente protegidas por patentes nacionais e internacionais para evitar que outros possam usar ou deles tirar proveito, tais fatos não foi diferente na enfermagem, sendo que foi estereotipado que a profissão enfermagem era exercidas por mulheres, não existia a figura do enfermeiro, mas sim o da enfermeira e tal fato é verificado até os dias atuais, a figura da enfermeira (gênero feminino) faz parte da identidade da profissão enfermagem, continuando desta forma o enfermeiro (gênero masculino) distante da mesma (CAMPOS, 2008).

Ainda nas palavras de CAMPOS, Na enfermagem a própria denominação, enfermeiro ou enfermeira, não ajuda muito a definir a profissão, sobretudo para o público leigo, porque liga o nome a enfermo, doença ou enfermidade quando o profissional tem hoje uma atuação muito mais ampla e profunda. Até algumas décadas atrás, a denominação era cercada de preconceito, de tal forma que a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) lutava pela melhoria do status profissional, combatendo o mau uso da palavra, muitas vezes ligada ao exercício de pessoas sem preparação alguma ou com preparação inadequada ou insuficiente ou mesmo a atividades sem compromisso com a moral e bons costumes, identificando a enfermeira (sua principal personagem) como mulher sedutora, inescrupulosa e vulgar (2008).

No âmbito da história da enfermagem, um primeiro anacronismo é a identificação da profissão como eminentemente feminina. Não é incomum encontrar em textos acadêmicos, publicitários, jornalísticos, imagens que revelam a enfermagem como ação praticada por mulheres, idealizada para sua principal personagem: a enfermeira como já foi pronunciado anteriormente. Assumidas como correlato de verdade, as representações da enfermagem, que define a profissão como "própria para mulheres", interferiu poderosamente na formação da identidade profissional, sobretudo no caso brasileiro, pois ampliadas, as representações da enfermagem identificavam como ideal para a profissão um determinado tipo de mulher, qual seja, branca, culta, jovem, saudável. Neste sentido, não incluía homens e tampouco mulheres negras, ainda que estes existissem, mostrando desta forma a exclusão do gênero masculino e a discriminação com as pessoas de uma forma geral (CAMPOS, 2008).

Na história da enfermagem a primeira pessoa do sexo masculino a estudar na escola de enfermagem USP foi Beni em 1918, o aceite do primeiro homem a estudar na Escola implica supor que a enfermagem nacional, fundada na representação dominante da enfermeira, perdia sua hegemonia, ou ainda, reinseria o homem na formação profissional, cuja contribuição inclui a Cruz Vermelha Brasileira. Ainda que a inclusão de homens na enfermagem estivesse em curso, as vicissitudes deste processo não foram aceitas de forma pacífica ou uni-direcionalmente. (CAMPOS, 2008)

1.1 Objetivo Geral

Avaliar as informações referentes a produção nacional sobre o gênero masculino e o trabalho relacionado a enfermagem.

1.2 Objetivo específico

- Foi verificar a quantidade de publicações por ano do respectivo tema.
- Foi também analisar quantos artigos sobre o tema gênero masculino e o trabalho em enfermagem foram publicados por revistas relacionadas.
- Além de verificar o idioma que predominou a publicação.

2. METODOLOGIA

2.1 Tipo do estudo

O estudo de revisão bibliográfica e abordagem quanti-qualitativa foi realizada através de busca de artigos sobre gênero e trabalho em enfermagem, de artigos publicados na íntegra no banco de dados *Scientific Electronic Library Online - SCIELO*,

A opção por quantitativa se deu pela necessidade de identificar dados objetivos em relação as variáveis entre a causa e o efeito e pela a natureza estatística da pesquisa, sendo este o mais indicado para o presente estudo (ALVES, 2003).

E segundo MINAYO, a Pesquisa qualitativa é o estudo de temas no seu cenário natural, buscando interpretá-los em termos do significado assumido pelos indivíduos. Para isso, utiliza uma abordagem global, que preserva a complexidade do comportamento humano (1994).

Tem como objetivo primordial a descrição das características de determinadas populações ou fenômenos. Uma de suas características está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (MINAYO, 1994).

Destacam-se também na pesquisa descritiva aquelas que visam descrever características de grupos (idade, sexo, procedência etc.), como também a descrição de um processo numa organização, o estudo do nível de atendimento de entidades, levantamento de opiniões, atitudes e crenças de uma população, etc. (MINAYO, 1994).

2.2 Sujeitos do estudo

Com o objetivo de obter informações sobre o gênero masculino e o trabalho em enfermagem, foram apenas através de busca pela SCIELO de artigos relacionados ao tema proposto, não teve contato direto com pessoas.

A amostra coletada foi de 2000 até 2010, utilizou-se como descritores, gênero e enfermagem, cruzados, onde foram identificados 42 artigos. Após leitura dos títulos e resumos, foram selecionados 09 artigos que correspondiam aos objetivos do estudo indiretamente, e apenas 01 artigo contemplou os objetivos do estudo diretamente.

O presente estudo não passou pelo comitê de ética em pesquisa humana e animal, haja visto que não apresentou risco a integridade humana não interferindo na resolução do CNS 196/96.

2.3 Cenário da pesquisa

As buscas foram realizadas através de busca simples no site SCIELO com os descritores gênero e enfermagem cruzados.

2.5. Análise das informações

Realizadas as buscas pelos artigos e a respectiva seleção dos mesmos foi realizado uma análise de cada um destes de forma vertical primeiramente e horizontal

posteriormente, verificando assim a relação entre os artigos relacionados sobre o gênero masculino e enfermagem.

Após a busca destas informações foi realizada uma verificação dos resultados obtidos nos respectivos artigos e uma organização dos resultados para que os mesmos pudessem mostrar a abordagem quantitativa e qualitativa que se buscou na pesquisa.

Após a análise das informações foi elaborado o relatório de pesquisa. Os resultados deste estudo foram utilizados apenas para fins científicos.

3. Resultados/Discussão:

Após a análise geral de todos os artigos foi descrito as seguintes naturezas estatísticas.

Os anos com maior número de publicações foram de 2004, 2005 e 2008, observando um aumento gradativo a cerca do tema e depois uma certa queda relativa a publicação, também foi verificado que no ano de 2000 a 2002 não teve publicação referente ao tema buscado, 2006 foi outro ano que não encontrou artigos sobre o respectivo tema, tais fatos podem ser verificados na tabela I.

Tabela I. Quantidade de publicações por ano.

Ano de Publicação	Quantidade de Publicação	Frequência relativa (%)
2000	00	00
2001	00	00
2002	00	00
2003	01	10
2004	02	20
2005	02	20
2006	00	00
2007	01	10
2008	02	20
2009	01	10
2010	01	10
-	10	100%

Ao analisar os resumos foi verificado que a revista que obteve mais publicação foi a Revista Brasileira de Enfermagem que publicou 05 dos 10 artigos selecionados, totalizando 50% das publicações e mostrando que o respectivo tema possui grande relevância para a enfermagem, tais fatos foram melhor especificados na tabela II

Tabela II. Quantidade de publicações por revistas.

Revista	Frequência de publicação	Frequência relativa (%)
Revista de Estudos Feministas	01	10
Revista Brasileira de Enfermagem	05	50
Revista de Saúde Pública	02	20
Texto e Contexto Enfermagem	01	10
Sociologia Problemas e Práticas	01	10
-	10	100%

O idioma predominante das publicações foi o português, exigindo a expansão dos trabalhos para a comunidade internacional, tais fatos podem ser verificados na tabela III.

Tabela III. Idiomas das respectivas publicações

Idioma	Frequência de publicação	Frequência relativa
Português	10	100
Inglês	00	00
Espanhol	00	00
-	10	100%

3.1 Discussão dos Dados

Depois de verificado a respectiva análise sobre os artigos encontrados foram verificado os seguintes pontos de discussão, sendo dividido estes em subcategorias como pode ser observado abaixo:

O homem a sua inserção na profissão enfermagem

Primeiramente existem poucas publicações relacionadas ao gênero masculino e o trabalho relacionado à enfermagem, deixa claro nos respectivos artigos que o gênero masculino e sua inserção na profissão é algo ainda recente, onde foi verificado poucos artigos relacionados diretamente ao assunto, sendo publicado apenas um trabalho relacionado a tal fato diretamente, ou seja que mostrava realmente a figura masculina inserida no cuidado com os enfermos/doentes, neste respectivo trabalho relata que a não proporção em relação ao gênero feminino do masculino relacionado à mão de obra da enfermagem é algo real, porém, não maléfica a enfermagem, informa ainda que a profissão enfermagem não foi fundamentada em gênero e sim em ideologias e pensamentos filosóficos que influenciam no progresso e ascensão da enfermagem.

Para conferir a importância do gênero masculino na enfermagem pode ser verificado as seguintes citações “Sobre o homem se desdobravam as estrelas, as constelações, os elementos da natureza e uma rede de forças telúricas e cósmicas que se remetiam entre si” (SILVEIRA, 2008), onde a análise dos respectivos artigos não entram em contrariedade a tais citações, porém mesmo com a aceitação da figura masculina por parte das mulheres na profissão, os homens pouco procuram a enfermagem como área de laboro.

O gênero feminino e seu papel na enfermagem

Alguns artigos também demonstraram a luta histórica de enfermeiras brasileiras pela institucionalização da profissão mostrando também a força que a mulher possui dentro da profissão enfermagem; que as práticas cuidativas são vinculadas ainda ao gênero feminino, onde tais fatos ocorre por vincular a figura da mulher as práticas cuidativas do lar, este fato infelizmente faz com que as pessoas tenha da enfermagem uma visão anti-profissional praticada por qualquer pessoa, não necessitando de cientificação profissional. Em alguns artigos mostra também que o gênero feminino ainda é o que predomina nas faculdades de enfermagem brasileiras, apesar de estar mudando a realidade onde cada vez mais homens estão se inserindo em faculdades de uma forma geral; E que na profissão enfermagem existe mulheres que se deparam com violência doméstica e se calam para tal fato mostrando a infeliz realidade da diferenciação do poder entre os gêneros além de mostrar a competição desleal entre a força masculina e feminina; apesar de ser muito comentado no meio as mulheres continuam ficando submissa a figura homem e através destes artigos acaba evidenciando que o homem como gênero é algo ainda muito incomum na enfermagem, mesmo com a inserção desta figura na enfermagem.

4. Conclusão

Constatou-se que questões sobre gênero feminino é muito discutido na enfermagem de uma forma geral e pouco se pesquisa sobre o trabalho em enfermagem relacionado ao gênero masculino, mostrando a grande necessidade de pesquisas acerca do respectivo assunto que é algo de suma importância para a enfermagem brasileira e mundial, aja visto que a figura do homem mostra grande impacto para a ascensão de uma profissão, fica evidente nos respectivos artigos que a figura masculina não vem para atrapalhar mas sim, para agregar, isso ocorre pelo fato de ainda agregar poder a figura masculina.

Os estudos também mostraram que infelizmente as profissionais enfermeiras são agredidas e muitas se calam para tais fatos, mostrando a competição de força desleal a qual a mesma se submete como a figura masculina, porém tais fatos são repudiados de uma forma geral entre os profissionais da enfermagem.

Este estudo foi de grande importância para impulsionar pesquisas de campo para verificar a visão dos profissionais de enfermagem quanto a inserção dos homens na enfermagem, além de verificar a real aceitação do gênero feminino quanto a inserção da figura masculina na enfermagem.

5. Referencias

1. ALVES, M. **Como escrever teses e monografias**. Campus. Rio de Janeiro. 2003.
2. ANDRADE, Andréia de Carvalho. A enfermagem não é mais uma profissão submissa. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 60, n. 1, Feb. 2007 .
3. AREIAS, Maria Elenice Quelho; GUIMARAES, Liliana Andolpho Magalhães. Gênero e estresse em trabalhadores de uma universidade pública do estado de São Paulo. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 9, n. 2, Aug. 2004.
4. CAMARA, Sheila Gonçalves; CARLOTTO, Mary Sandra. Coping e gênero em adolescentes. **Psicol. estud.** Maringá, v. 12, n. 1, Apr. 2007.
5. CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; OGUISSO, Taka. A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da Enfermagem Brasileira. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 61, n. 6, Dec. 2008
6. COELHO, Edméia de Almeida Cardoso. Gênero, saúde e enfermagem. **Rev. bras. enferm.** Brasília, v.58, n.3, June 2005.
7. MINAYO, M.C.S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2.ed., São Paulo: Hucitec/ Abrasco. 1994.
8. MOREIRA, Martha Cristina Nunes. Imagens no espelho de Vênus: mulher, enfermagem e modernidade. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, Jan. 1999.
9. SILVEIRA, Fernando de Almeida. Michel Foucault e a construção discursiva do corpo do sujeito moderno e sua relação com a psicologia. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 13, n. 4, Dec. 2008.
10. SIMOES, Joaquim e AMANCIO, Lígia. **Gênero e enfermagem: Um estudo sobre a minoria masculina**. *Sociologia*, jan. 2004, no.44, p.71-81.
11. RIZZOTTO, Maria Lúcia Frizon. Resgate histórico das primeiras Semanas de Enfermagem no Brasil e a conjuntura nacional. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 59, n. spe, 2006.